

A GIRA QUE RESISTE AO MUNDO – APRESENTAÇÃO DA GIRA EPISTEMOLÓGICA: CIÊNCIAS DAS MACUMBAS E OUTRAS ENCANTARIAS

Guilherme Dantas Nogueira¹

DOI 10.26512/revistacalundu.v4i2.35814

Há poucos dias assisti uma entrevista com o pensador Luís Simas², bastante inspiradora. Em sua fala, ele mencionava sobre a existência de dois Brasis: um, normativo/normatizador, rígido e genocida, que formata, representa e oficializa o bem sucedido projeto colonial – ou, no presente, acrescento, colonial moderno – de domesticação, controle, exercício de poder sobre corpos, vidas, povos, saberes, etc., destoantes da branquitude eurocentrada. O outro Brasil é aquele não branco, que existe nas brechas, nas margens, nas fendas do primeiro e que, embora combatido, violentado e violado sistematicamente, ao longo de séculos escravidão, de dominação, de intentos de exploração e posterior construção de uma nação e seu cruel e epistemicida Estado, segue vivo, alegre e potente.

Simas fala, com efeito, de um fenômeno que não passa despercebido pela teoria social, bastante bem denunciado já há anos, dentre outros, pela antropologia engajada de Lélia Gonzales ou pela arte ativista de Abdias do Nascimento. Igualmente, já em tempos mais recentes, pela erudição teórica do campo da Sociologia de Gênero e Raça brasileira. Esta, recorrendo a diferentes linhas de estudos, nos lembra que no Brasil raça, gênero e classe andam juntos e são marcadores do que é nacionalmente entendido como positivo ou como negativo. Como bom e como mau. Como cobiçado e como rejeitado. Dialogando com, e transcendendo para além desse campo, por meio de chave de leitura antropológica, Rita Laura Segato (2007)³ qualifica esses referidos marcadores como capital racial positivo ou capital racial negativo, que também operam com intersecções de gênero e classe.

¹ Tata Kambondo Mub'nzazi, da Cabana Senhora da Gória – Nzo Kuna Nkos'i. Doutor em Sociologia e pesquisador colaborador do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília. Integrante fundador do Grupo Calundu. E-mail: guidantasnog@gmail.com.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dnM5I5wWePs>.

³ SEGATO, Rita Laura. *La nación y sus otros. Raza, etnicidad y diversidad religiosa en tiempos de Políticas de la Identidad*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.

Noto, seguindo Segato, não ser exclusividade do Brasil esse fenômeno social de existência de duas noções de coletividade, sendo uma inclusiva a tudo e a todos e a outra excludente, racista, patriarcal, classista, colonizadora. Pelo contrário, a teoria social latino-americana já há muito – Dom Leopoldo Zea, dentre outros, que o diga – denunciava o ódio que marca a fundação, as raízes de nossa/*nuestra* América. Pode-se dizer que era também contra esse ódio excludente e colonizador que lutava o Coronel Aureliano Buendía, guerreiro progressista dos “*Cien años de soledad*” de Gabriel García Marquez. Mesmo que personagem de romance, é certo que a bravura desse guerreiro espelha – quiçá inspira? – tantas outras batalhas, ainda que perdidas, contra as forças conservadoras/domesticadoras na América Latina.

Voltando ao debate mais para essa região colonizada para falar português, cabe lembrar que “o *Brazil* não conhece o Brasil”, como já nos ensinava o mestre Aldir Blanc. Essa potência de cores, de sabores, de ritmos, de sons, de criatividade; de uma teimosia em permanecer(mos) vivas/os e significativas/os; de gostar de índio, de planta nativa, de coisas daqui – ou aprendidas e (re)criadas por aqui. Aliás, o daqui, como já rezava o contexto que inspirou a canção daquele saudoso mestre, reitero, é peremptoriamente combatido e marginalizado. Não obstante, resiste vivo e potente.

Tal potência está presente no Cerrado, que ainda resiste ao Matopiba – e em sua baunilha, que é comida tradicional dos Kalungas da Chapada dos Veadeiros. Está presente na Amazônia, que ainda respira, mesmo com o desmatamento, e mantém viva suas caboclas, seus encantados, sua fauna, sua flora e seus saberes. Está presente nas Minas Gerais, que seguem rezando seus Cultos às Almas, erguidos de seus Calundus. Está presente nas praias mais a leste, onde a Jurema segue curando vidas. Está presente no Espírito Santo, onde há mais de 80 anos meu avô aprendeu a Cabula. Está presente na Bahia, que ainda hoje inspira e dobra atabaques à brasilidade. Está presente no muito original samba de São Paulo, que colore de preto o cinza sem graça da urbe. Está presente no Maranhão e por aquelas bandas, onde os bois e os tambores dão o ritmo e o passo das vidas. Está presente no Sul e em seu extremo, onde é a Quimbanda que destranca a rua, com seus elegantes Exus e Pombas Giras, muito bem entrosados com o Batuque de Porto Alegre. Está presente nos morros do Rio de Janeiro, em que a calma das pretas e pretos velhos segue abençoando – e amando – a quem quer que as/os busque. Está presente em todo o país, enfim, que é afro-ameríndio, muito mais do que branco.

Essa potência é inspiradora de histórias e é – não nos enganemos – acima de tudo, a nossa história. A história de nós outros da nação, que insistimos em sermos e estarmos, mesmo que marginalizados. Que insistimos em resistirmos. Uma história nossa que, nesse número da Revista Calundu, resgatando a temática de seu primeiro ano, da Gira Epistemológica que segue em expansão, traz ao debate as “Ciências das Macumbas e Outras Encantarias”.

Assim, abrindo a gira com estilo e inaugurando a seção de artigos, o número apresenta o texto “Maria Navalha e a Filosofia Popular Brasileira – Um ‘Trabalho’ De Campo”, de Rafael Haddock-Lobo, que debate conceitos filosóficos brasileiros, relidos na rua, pelo olhar da Pomba Gira Maria Navalha.

Em seguida, ainda na vibração comunicadora, o dossiê nos traz Rodrigo Santos e “A Experiência do Teatro Negro e a Ideia de um Teatro de Nação através do Baraperspectivismo”. Exu aparece aqui como teoria e ação, mostrando relações com a carioca Cia dos Comuns.

Exu e filosofia seguem presentes no terceiro artigo, “Acontecimento - Èsù: a Circularidade como Trânsito Contra Colonialista” em que Luís Thiago Freire Dantas revisita a diáspora e a ancestralidade, em leitura nagô, dialogando com a pluriversalidade para pensar o dinamismo desse potente orixá.

“As Griôs no Brasil: Saberes e Fazeres de Mulheres Negras através da Categoria Tia”, de Angélica Ferrarez de Almeida, é o quarto texto da seção de artigos, que recorda a potência das mulheres negras na história construída nessa região do planeta, a partir da diáspora. Questões como protagonismo e emancipação, em leitura política, são aqui trabalhadas.

Maurício dos Santos e Anaxsuell Fernando da Silva assinam o quinto artigo deste dossiê, “Iyás e Abebés: Existências, Resistências e Lutas Matriarcais Afrodiaspóricas”, igualmente trazendo a potência das mulheres negras ao debate, que se mostra em lutas antirracistas e contra o patriarcado, nas biografias de diferentes mestras da afrorreligiosidade brasileira.

Como no texto acima, a mãe das águas doces é também lembrada por João Augusto dos Reis Neto em “Pensar-Viver-Água em Oxum para (Re)Encantar o Mundo”, o sexto texto da seção de artigos. Problematiza-se aqui a própria vida e, em/com Oxum, busca-se sentidos para pelejas experimentadas no Brasil e no viver.

Sem poder ser de outra forma, a feminilidade dos terreiros também desponta em “Das Águas Ìyá Oxum: Saberes Ancestrais Femininos em Poesias Negras Diaspóricas”, de Cristian Sales, sétimo artigo deste número da revista. Oxum, poesia e filosofia africana estão aqui presentes, dialogando em pensamentos sobre o mundo.

“Aspectos Básicos sobre o Sujeito Individual e a Coletividade nas Religiões de Matrizes Africanas” são debatidos por Joelcio Jackson Lima Silva e Thayná da Silva Felix, neste que é o oitavo artigo do dossiê. Resultante de uma incursão antropológica, a partir do Serviço Social, o povo nagô é apresentado e noções êmicas de indivíduo e coletivo são debatidas.

Indo do Nordeste ao Sul, o Batuque entra na gira com Marcus Vinicius de Souza Nunes, que apresenta o nono texto dessa mui abrangente seção, as “Ritualidades do Mistério Pessoal: o Segredo de Orixá no Batuque Afro-Sul”. Em seu trabalho, o Batuque é apresentado como religião e algumas de suas especificidades são debatidas.

Ana Clara Souza Damásio dos Santos é a etnógrafa por traz do décimo e penúltimo texto, “Voltando para a ‘Origem’? Considerações sobre o Campo entre Parentes e os ‘Segredos de Família’”. Esse bonito texto fala de família e de campo de pesquisa, uma temática sempre importante para o povo calunduzeiro pesquisador.

Finalmente, a seção de artigos é concluída, lindamente, com as Senhoras (sim, com “S” maiúsculo) da Boa Morte, que figuram no texto de Mariana Fernandes Rodrigues Barreto Regis, “200 Anos não São 200 Dias: História, Protagonismo e Estratégia de Mulheres Negras na Irmandade da Boa Morte (1820 – 2020)”. Questões do campo dos estudos da afroreligiosidade brasileira são abordadas, em diálogo com a história dessa longeva e importante organização de mulheres calunduzeiras.

Ao que pese a robustez da seção de artigos, nenhum dossiê da Revista Calundu está completo sem seus textos livres, que oferecem um diálogo próprio e desamarrado com calunduzeiras/os e suas/seus seguidoras/es. Neste número, a beleza destes textos está bem representada pelos trabalhos de Rychelmy Imbiriba Veiga, “Orixá ou Diabo: a Construção Imagética de Exu no Brasil”; Ana Carolina de Souza Silva, “Ao Barro Voltará: Reflexões sobre a Nascimento”; Cláudia Mirella Pereira Ramos e Aldemir Inácio de Azevedo, “Tupinambá Balanceia mais não Cai: Identidade e Espiritualidade na Serra do Padeiro/BA”; e, por fim, Yuri Macedo, “Escrita Ìyálodè”. Quatro textos potentes, que seguem expandindo a gira por novos horizontes de debates que, quiçá, podem vir a consubstanciar outros textos futuros.

A gira que se expande, de certo não se encerra. Pelo contrário, segue viva e potente, inspirando letras e respirando saberes contra hegemônicos, contra domesticadores, contra violentos, contra coloniais. Saberes que formam histórias outras, que insistem em seguir sendo lembradas e contadas, ainda que pelas brechas da normatividade enrijecida, que sonha em apagá-las. É que fazer Calundu é sacralizar sonhos e mitificar aprendizados, sempre em respeito à ancestralidade e à força que dá ao próprio movimento da gira. Não coincidentemente, concluo notando, foi Sinza Muzila que abriu esse dossiê. E o que ela com sua dinâmica existência abre, não há força humana que possa fechar.

Nzambi Ua Kuates'a!

Brasília, 22 de dezembro de 2020.